Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

06 DE NOVEMBRO
CASA MARÍLLA
CARACAS — VENEZUELA

DISCURSO AO SER CONDECORADO COM O COLAR DA ORDEM DO LIBERTADOR

Excelentíssimo Senhor Presidente da Venezuela, Herrera Campíns:

Recebo com especial emoção as insígnias do Colar da histórica Ordem do Libertador, que Vossa Excelência acaba de me impor.

Do ponto de vista pessoal, Vossa Excelência me concede uma honra do mais alto significado. No coração e no espírito de todos os brasileiros, seu gesto generoso expressa um importante laço a mais entre nossos dois países.

Sinto-me verdadeiramente feliz por ser o primeiro Presidente brasileiro a visitar Caracas.

O encontro entre a Venezuela e o Brasil transcorre sob o signo da amizade e da união, como o confirma a acolhida fraterna que estamos recebendo em seu país.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, representa as melhores tradições de seu país e da América Latina. Sob sua direção, a Venezuela descobre caminhos efetivos de

cooperação. Os valores democráticos que sustenta são marcados por sua preocupação constante com a justiça social e com a causa da liberdade.

Nosso entendimento expressa a força da História e de ideais comuns. Para um brasileiro, vir à terra de Bolívar e Miranda é o momento de reviver a grandeza da luta pela independência. De retomar as esperanças bolivarianas. De nelas reencontrar a inspiração das melhores e mais permanentes realizações.

Bolivar compreendeu, como poucos, as realidades de seu tempo. Pôde expressar com clareza, força e originalidade únicas as aspirações políticas do Continente. E soube, como nenhum outro, através de sua vida de ingentes trabalhos, indicar os caminhos certos para fixar os ideais das nações latino-americanas, na construção do progresso comum.

Na prática do relacionamento bilateral, o Brasil e a Venezuela entendem e aplicam os altos ideais forjados no início de nossa vida independente. Vencemos etapas importantes na criação progressiva da unidade latino-americana e do relacionamento continental.

Defendemos a igualdade soberana dos Estados. A autodeterminação dos povos, a não-intervenção, a necessidade de solução pacífica de controvérsias, e a luta contra todas as formas de hegemonia, são partes integrantes e identificadoras do comportamento internacional dos nossos dois países.

Na luta pelo desenvolvimento econômico precisamos de estabilidade política, para construir a paz e a prosperidade.

Precisamos de sociedades mais justas. Capazes de dissolver os bolsões de pobreza. De distribuir a riqueza

de maneira mais eqüitativa. De manter efetivas e estáveis as formas de participação democrática.

A realização desses objetivos é a essência do ideário latino-americano. Nossa tarefa da hora presente é, portanto, integrar melhor, cooperar mais, descobrir novas fórmulas de aproximação.

Empreendimentos comuns podem ser bem sucedidos, como já demonstrado. Mas há ainda muito a fazer.

Precisamos amiudar contactos no mais alto nível.

Nossa convivência regional deve ser exemplar.

Senhor Presidente,

Porque temos confiança na justiça dos nossos ideais, poderemos superar as atuais equações internacionais de poder.

Porque confiamos na força de nossa ética, devemos ativar e aprimorar as nossas formas de atuação no plano mundial.

Não temos pretensões exageradas, nem lições a dar. Temos, sim, a decisão de participar ativamente num quadro mundial que afeta em profundidade cada um de nós.

Não preciso lembrar o papel histórico da América Latina no diagnóstico do desequilíbrio do sistema econômico internacional e na proposta para a sua reordenação. Chocante, hoje, é só a escassa repercussão desse esforço.

Chocante, da mesma forma, é o neoprotecionismo dos países industrializados. Trata-se de modalidade nova e sutil — mas não menos efetiva — de coibir a presença dos países em desenvolvimento na economia internacional.

Entendo essa situação como desafios novos à nossa imaginação. Queremos compartilhar nossas preocupações com a Venezuela e os outros países latino-americanos. Desejamos aprofundar o exame, nos foros apropriados, de alternativas e de soluções. Sabendo, porém, que uma das principais, entre elas, é a determinação comum dos países em desenvolvimento de criarem estruturas e processos autônomos de aproximação.

No quadro dos problemas contemporâneos e do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, não devo deixar de referir-me à questão da energia. Seus efeitos são inegavelmente dramáticos, sobretudo para um país das dimensões do Brasil.

A análise serena e equilibrada de suas causas e conseqüências põe em relevo, entretanto, as numerosas oportunidades de intercâmbio comercial e financeiro, abertas aos países em desenvolvimento.

Diferenças de potencial econômico e tecnológico, ou de recursos naturais, podem e devem ser exploradas em benefício da solidariedade fundamental dos países em desenvolvimento. Sem limites rígidos, ou fórmulas pré-concebidas. Mas como atitude nova, passível de gerar ganhos importantes a todos nós.

No quadro da crise energética, o Brasil optou por soluções novas e permanentes, a partir de fontes renováveis. Nessa área, abrimo-nos, desde logo, à cooperação com os demais países em desenvolvimento.

Senhor Presidente,

Considero a política internacional de nossos dias à luz de seus vícios de origem.

A paz mundial assenta em formas precárias de equilíbrio de poder.

Continuamente, criam-se obstáculos à participação dos povos em desenvolvimento no processo decisório de assuntos de seu interesse.

Nesse processo, cristalizam-se mecanismos impeditivos da decisão ampla e aberta, ou se abandonam as considerações éticas fundamentais.

Aquelas mesmas decisões sustentam-se pelo poder, com o fim de manter as suas estruturas. Assim, o ideal de relações entre Estados iguais transforma-se em pobre utopia.

Conseqüentemente, persistem zonas de tensões, em diversos pontos do mundo. A operação dos mecanismos globais de poder tende, por sua vez, a agravar as crises e a entorpecer nossa busca de novos padrões de convivência mais solidária.

As relações entre as nações devem ser amplas e sem preconceitos. Devem basear-se invariavelmente nos princípios da não-intervenção e do respeito mútuo.

Senhor Presidente,

Registro com satisfação especial, por todas essas razões, o esforço de cooperação, cada vez mais abrangente e variado, entre o Brasil e a Venezuela.

Fruto e espelho da decisão renovadora e transformadora de nossos povos, nosso intercâmbio comercial atingiu, no ano passado, o nível mais alto de sua história. Sendo um dos mais expressivos de toda a ALALC, está longe, contudo, de esgotar seu potencial, seja em volume, seja em diversidade.

Nesse contexto, assinalo, com especial agrado, a intensificação das vendas de petróleo venezuelano ao Brasil, invertendo-se, assim, as tendências dos últimos anos.

No campo da ciência e da tecnologia, estamos dispostos à cooperação em amplitude pioneira e modelar entre nações em estágio similar de desenvolvimento. Pois entendo que os países latino-americanos podem encontrar, eles próprios, as soluções de seus problemas.

Nossas relações culturais devem também acompanhar o ritmo acelerado dos demais entendimentos bilaterais, com iniciativas que contribuam para o conhecimento recíproco dos valores humanos e culturais de brasileiros e venezuelanos.

O imenso desafio da Amazônia é outro denominador comum a unir o Brasil, a Venezuela e os demais países participantes do Tratado e Cooperação Amazônica. A dimensão do problema, longe de nos intimidar, estimulou-nos a colaborar com afinco no desenvolvimento regional, com vistas à humanização crescente das áreas amazônicas nacionais.

Na Amazônia, o urgente desafio é criar as tecnologias de produção e de saúde, próprias a conciliar o desenvolvimento e o bem-estar das populações locais com o equilíbrio ecológico da região.

Essa responsabilidade, eu a considero nossa. Dos países Amazônicos. Irrenunciável e indelegível.

A firmeza de nossa determinação, nesse particular, tem sido historicamente proporcional à magnitude das dificuldades. Aí estão os milhares de quilômetros de rodovias, ligando o extremo-sul do Brasil a esta acolhedora Caracas. Para trás, ficaram transpostos os rios caudalosos, a densa floresta, os terrenos difíceis e as altas serranias.

Nesse processo, aprendemos a reunir capital e a somar o nosso trabalho. E criamos técnicas genuinamente

sul-americanas, para vencer os grandes obstáculos do desenvolvimento.

Senhor Presidente,

O Brasil e a Venezuela são países marcados pelo dinamismo. Nossa vontade de participar nos negócios do mundo — como latino-americanos e como individualidade nacionais — requer relações internacionais claras, democráticas e legítimas.

No plano interno, o Brasil vive uma intensa fase de construção. Evoluir politicamente, criar e distribuir riqueza numa quadra especificamente difícil da conjuntura internacional não é fácil tarefa. Exige de nós, brasileiros, sacrifícios enormes, a par da límpida visão para criar soluções eficientes.

Promovemos a democratização política, em completa sintonia com os anseios maiores da nação brasileira. As articulações políticas se renovam. Os canais de informação, acesso e participação estão abertos. A liberdade amplia-se em todas as suas dimensões, no cotidiano. O país ganha riqueza política. E ganha confiança.

As dificuldades desse processo não nos fecham para o mundo exterior. Ao contrário. A política externa de meu Governo está centrada no ideal do universalismo.

Mais do que alternativa formal, o universalismo é filosofia de convivência. Baseia-se no respeito mútuo, na liberdade de encontros, e na busca de benefícios comuns. Em sua prática, está a essência de uma ordem internacional efetivamente justa e democrática.

Senhor Presidente,

Como o Brasil, a Venezuela é um país em permanente renovação. Seu dinamismo reflete a valorização dos melhores ideais latino-americanos.

O Brasil compreende perfeitamente a força do exemplo venezuelano em tantas vertentes do convívio nacional e internacional. A aproximação entre nossos países, para a qual temos a honra de contribuir pessoalmente, é imposição da História.

Não podemos faltar ao desafio dos dias de hoje. Vamos cimentar nosso convívio. É o que os nossos povos esperam de nós, neste momento.

Com essas palavras, permita-me, Senhor Presidente e prezado amigo, convidar os presentes a erguerem suas taças pela prosperidade da Venezuela, pela felicidade de seu povo, pela intensificação equilibrada das relações entre nossos dois países e pela saúde de Vossa Excelência, e da Senhora de Herrera Campíns.